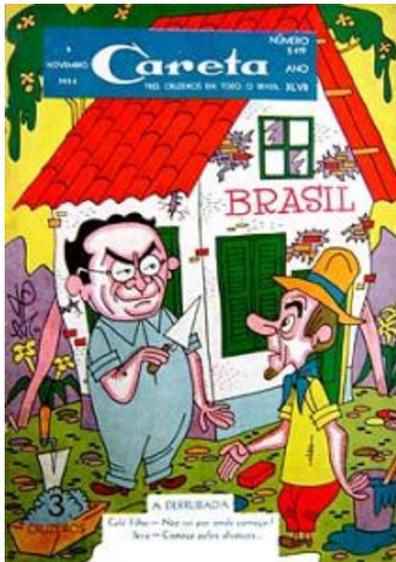


ENTREVISTA SOBRE A DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MÁRCIO MALTA: O JECA NA CARETA – CHARGES E IDENTIDADE NACIONAL (PPGCP/UFRJ).

Paulo Ramos\*\*



O caboclo Jeca Tatu surgiu em 1914 num artigo escrito por Monteiro Lobato.

Mas foram as charges que ajudaram na popularização do personagem, a ponto de ele se tornar um reflexo da identidade do brasileiro da primeira metade do século passado.

Essa é uma das conclusões de um mestrado defendido no departamento de ciência política da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A pesquisa, feita pelo sociólogo Márcio José Melo Malta, foi defendida -com sucesso- no início do mês.

Malta investigou a presença do personagem na revista de humor político "Caretta" (ao lado). Ele pesquisou edições lançadas entre 1919 e 1960.



O pesquisador, de 24 anos, constatou que o Jeca estampou mais de 500 capas da publicação.

"A identidade nacional criada pelo Jeca Tatu é a de um brasileiro que ao mesmo tempo revela-se um preguiçoso, do alto da sua ingenuidade, [mas] é carregado de matreirice, esperteza", diz.

O estudo trouxe outra novidade, pouco conhecida: o lado desenhista de Monteiro Lobato (1882-1948).

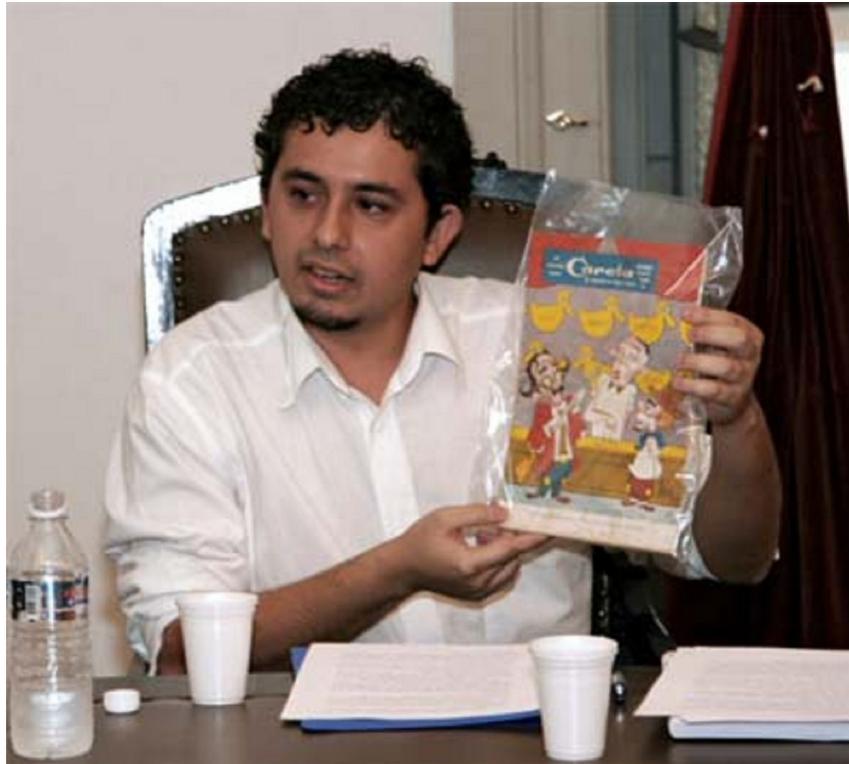
É do criador do "Sítio do Picapau Amarelo" a ilustração ao lado, publicada na revista "Fon-fon", em 11 de setembro de 1909.



Mais do que um produtor de telas, Lobato é revelado como um dos primeiros a produzir no país um texto sobre o papel da caricatura, da qual não escondia o interesse.

A charge de Jeca Tatu mostrada ao lado era a preferida do escritor, segundo Malta. Foi feita por Osvaldo em 1925.

Malta levou dois anos para concluir a pesquisa. Pretende acatar a sugestão da banca que o avaliou e publicar o estudo.



"No ano que vem, a revista "Caretas" completa 100 anos do seu lançamento", diz.

"É um momento muito oportuno para a sua publicação, além do Jeca Tatu e Monteiro Lobato terem grande viabilidade comercial, pois sempre foram um sucesso de vendas."

Não será a primeira obra dele. No ano passado, lançou "E Agora Lula? Charges do Desastrado Governo", pela editora Marimba. O livro, de 40 páginas, reúne trabalhos do lado desenhista dele (leia mais [aqui](#)).

Malta já publicou em publicações como o "Pasquim 21". Assina os desenhos como Nico, apelido que o acompanha desde a infância.

As charges são sua principal fonte de renda, dividida com as aulas de sociologia que dá na rede pública de ensino.

O desenhista e pesquisador carioca já tem outra obra em vista. Ele finaliza um livro sobre o humor político e a militância do cartunista Henfil, criador da Graúna e dos Fradinhos.

Segundo ele, a obra já tem editora e deve ser lançada no ano que vem. 2008 marca os 20 anos da morte de Henfil (1944-1988).

Na entrevista que o Blog veicula nas duas próximas postagens, Márcio Malta dá mais detalhes sobre a elaboração das 142 páginas de "O Jeca na Careta - Charges e Identidade Nacional", nome do mestrado.

Na conversa, feita por e-mail, ele fala sobre charges, a paixão de Lobato pelos desenhos, do Jeca feito por Mazzaropi e sobre o papel do personagem na identidade do brasileiro.

Entrevista: **Márcio Malta**

**Blog** - Quem é o Jeca Tatu, segundo sua pesquisa?

**Márcio Malta** - *Existem vários Jecas, pois trabalho com o conceito de metamorfoses do personagem. O personagem foi criado por Monteiro Lobato e se define prioritariamente pela preguiça e abandono pelo Estado. Com o passar do tempo a sua popularização foi moldando o Jeca Tatu, sendo adaptado em vários campos, como na música, no cinema e nas charges – objeto da minha pesquisa.*

**Blog** - Você entende que essa identidade é uma metáfora do brasileiro da época? Se sim, de quais brasileiros?

**Malta** - *O Jeca, nas charges, a princípio representava um tipo, o caboclo, o indivíduo desvalido do meio rural brasileiro, principalmente do Vale do Paraíba. Com o passar dos anos o Jeca passou a representar todo brasileiro, independente de classe ou região geográfica.*



**Blog** - O Jeca foi criado em livro de Lobato, não em charge [as primeiras referências estão em dois artigos de 1914, reunidos no livro "Urupês", cuja primeira edição é de 1918]. O quanto a charge contribuiu para a criação dessa identidade?

**Malta** - *Essa pergunta pode ser observada por dois ângulos. Acredito que o fato de Monteiro Lobato ser desenhista o facilitou a criar a imagem do Jeca, desde o seu início muito visual e carregada de humor. Por outro lado, dialeticamente, os chargistas tiveram em suas mãos um prato cheio para desenhar. O pesquisador Antônio Cândido [professor emérito da Universidade de São Paulo] definiu o Jeca muito sabiamente como um tipo "caricatural", o que realmente contribuiu para não só os chargistas como ilustradores explorarem a figura do Jeca.*



**Blog** - Em vários momentos da pesquisa, você menciona que se tratava de "caricaturas" do Jeca. Algumas são charges, não?

**Malta** - *Na pesquisa dou prioridade em dar o tratamento aos desenhos como charges políticas. A definição é importante, pois os pesquisadores da área não fazem a distinção. A charge política pode ser vista como um desenho humorístico em cima de um fato e é o que trabalho a partir das capas da revista "Careta" (mais de 500 com o Jeca, no período que vai de 1919 a 1960). O termo caricatura foi utilizado algumas vezes, pois assim era classificada a charge antigamente, indistintamente.*

**Blog** - E quais eram os temas abordados?

**Malta** - *Com o levantamento das imagens, pude constatar que alguns temas eram recorrentes, tais como, identidade nacional, a preguiça do Jeca, o povo opilado e o comunismo. Inflação e custo de vida são dois temas intimamente ligados e recorrentes nas charges sobre o personagem. Mas, sem dúvida, o tema campeão em aparições nesse segmento é o que apresenta o Jeca esfomeado.*

**Blog** - Na pesquisa, você menciona que houve mudanças no perfil do Jeca. Quais foram essas alterações?



**Malta** - *No início, o Jeca foi retratado especialmente ao lado do político e jurista Rui Barbosa [1849-1923], pois o mesmo o citou em um de seus discursos à presidência da república, o que acabou por popularizar ainda mais o personagem. Essas charges iniciais [a vista ao lado, de abril de 1920, é de J. Carlos] lidavam principalmente com a temática de oposição do intelectual com o povo ignorante e preguiçoso. Com o correr dos anos, já na década de 1920, o Jeca ganhou contornos de oposição a figuras como do Tio Sam e defensor das riquezas nacionais. A passividade que é marca do personagem também*

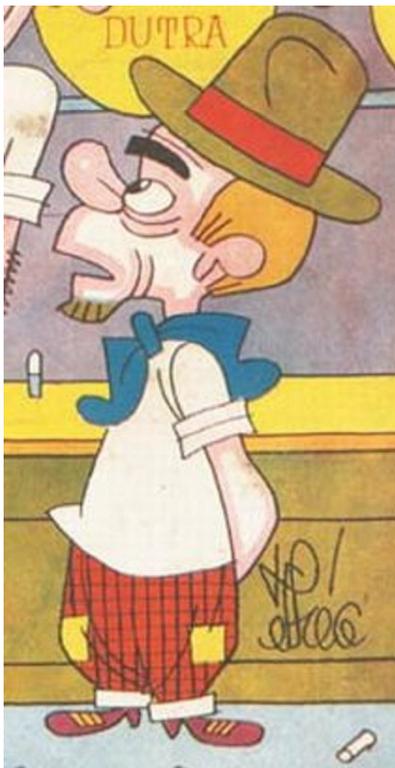
*deu lugar a uma atitude mais matreira e crítica aos desmandos das elites políticas brasileiras.*

**Blog** - O foco de sua pesquisa foi investigado na revista "Caretta", material raríssimo no país. Como você contornou esse problema?

**Malta** - *A pesquisa das fontes primárias se deu por meio do acesso ao acervo da Biblioteca Nacional, que foi digitalizado e está disponível no site da entidade. Também tive acesso ao material físico no acervo da Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro.*

**Blog** - O Jeca interpretado por Mazzaropi no cinema, contribuiu de certa forma para a fixação do personagem no imaginário coletivo do brasileiro?

**Malta** - *O comediante Amâncio Mazzaropi [1912-1981] foi um dos muitos artistas que manusearam o personagem ao seu bel-prazer, o que conferiu ao Jeca uma grande carga de vida. Até hoje o Jeca é lembrado e encontra-se fortemente localizado na memória nacional, servindo para designar costumes populares como moda e comidas classificadas como Jeca.*



**Blog** - Sua dissertação de mestrado traz à tona um lado pouco conhecido de Lobato, o de desenhista. Seu levantamento mostrou que ele chegou a produzir exatamente o quê?

**Malta** - *A minha pesquisa busca lançar luzes para um lado pouco explorado de Monteiro Lobato, o de apaixonado pelo desenho de humor. Normalmente são citadas apenas as aquarelas do autor – excepcionais, diga-se de passagem – mas Lobato chegou a colaborar em revistas de grande importância como a "Fon-fon", no ano de 1909. Foi ainda estudioso e pesquisador do desenho de humor, chegando a escrever importantes artigos, tais como "A Caricatura no Brasil", onde mapeia a caricatura no Brasil e no mundo; e o artigo "O Rei de Congo", no qual propõe o uso das charges como recurso e fonte para a historiografia.*

**Blog** - Outro ponto é o lado editorial de Lobato, que buscava vender os livros em novos mercados, como farmácias. Ele não estava na vanguarda? Não se vê o mesmo hoje [com a coleção pocket da L&PM, para ficar num exemplo]?

**Malta** - *Monteiro Lobato sempre foi muito prático. Ao tornar-se editor constatou que não existiam*

*pontos de venda de livros no Brasil. Assim resolveu criá-los. Enviou cartas-proposta a comerciantes de pequeno porte e teve ampla recepção. A sua atitude realmente ficou de exemplo, sendo contudo pouco explorado ainda.*

**Blog** - Ele chegou a desenhar o Jeca Tatu?

**Malta** - *Não existem registros de Lobato ter desenhado o Jeca Tatu. O que merece registro é que Monteiro Lobato ilustrou o seu primeiro livro, "Urupês".*

**Blog** - A pesquisa foi feita na área de Ciência Política, algo raro de se ver na academia. Houve algum tipo de barreira ou preconceito a ser superado?

**Malta** - *Em princípio, houve um certo estranhamento e até mesmo falta de condições dos profissionais da área em compreender a importância do tema. Normalmente a charge é pouco aproveitada na academia por conta de alguns fatores: a supervalorização do texto, em detrimento da imagem; o não-reconhecimento do humor como válido cientificamente; e por último a multiplicidade de interpretações que a charge pode ter – o que é a sua riqueza – e normalmente é visto com um certo temor pelos dogmáticos.*

**Blog** - Já houve vários símbolos do brasileiro, do índio ao Jeca, citado por você. No seu entender, há um símbolo atual do brasileiro, neste início de século?

**Malta** - *Concluo o meu trabalho com a menção de que o posto de identidade nacional encontra-se vago. As chances de aparecer um personagem que nos represente são cada vez menores, pois vivemos uma conjuntura de neo-liberalismo, onde as identidades nacionais encontram-se cada vez mais diluídas.*



\* Reprodução de entrevista com Márcio Malta, por ocasião da defesa de sua dissertação de mestrado . A banca foi composta por Aluizio Alves Filho (orientador), Antônio Celso Alves Pereira, Laura Moutinho Nery e Lúcio Picanço Muruci. Publicada originalmente em: <http://blogdosquadrinhos.uol.com.br>. As fotos são de autoria de Luiz Fernando Nabuco Araújo.

\*\* Paulo Ramos é doutor em comunicação social, jornalista, professor e consultor de língua portuguesa do Grupo Folha-UOL.